

REVISTA



Volume 11 - Nº 85 - Agosto de 2026

SANTÍSSIMA VIRGEM



FAMÍLIA, PROJETO DO CORAÇÃO DE DEUS



Editorial

Vivemos um tempo de grandes transformações, em que o progresso científico e tecnológico oferece novas possibilidades, mas também nos desafia a preservar aquilo que há de mais precioso: a dignidade da pessoa humana. Nesta edição, O padre Guillermo aborda, com profundidade e sensibilidade pastoral, os principais ensinamentos da encíclica Magnifica Humanitas, do Papa Leão XIV, conduzindo-nos a uma reflexão sobre a dignidade da pessoa humana e os desafios que o avanço tecnológico apresenta à missão evangelizadora da Igreja. Sua leitura nos convida a redescobrir que todo progresso encontra seu verdadeiro sentido quando está a serviço da vida, da fraternidade e do bem comum, sempre iluminado pelo Evangelho de Cristo. Nenhuma inovação poderá substituir o valor da vida, da consciência e da relação com o Criador.

É sob essa luz que apresentamos esta edição de julho e agosto, convidando vocês leitores a contemplar a riqueza da vida cristã em suas diversas expressões. Nossa redatora Rosiani reflete sobre a família, dom e projeto de Deus para a humanidade, destacando o matrimônio como a vocação pela qual um homem e uma mulher, unidos pelo sacramento, tornam-se sinal do amor fiel e fecundo de Cristo por sua Igreja. É no ambiente familiar, sustentado pelo compromisso matrimonial, que se aprendem os primeiros gestos de amor, solidariedade, respeito, perdão e fé. Em um mundo marcado por desafios e mudanças constantes, fortalecer o matrimônio e as famílias significa fortalecer a Igreja e contribuir para a construção de uma sociedade mais fraterna, justa e comprometida com o bem comum.

Voltamos também nosso olhar para aqueles que experimentam a solidão, especialmente os viúvos e as pessoas que vivem sozinhas. Sobre este tema, Luciano fala de nossa comunidade, onde a Pastoral Familiar dedica-se a esses irmãos e irmãs, revelando o rosto acolhedor da Igreja, oferecendo não apenas companhia, mas esperança, escuta e oportunidades de participação na vida da comunidade. Cada pessoa continua sendo chamada a viver plenamente sua

vocação e a colocar seus dons a serviço do Reino de Deus. Além disto, em outro artigo, nosso brilhante redator destaca ainda o protagonismo dos jovens, especialmente daqueles que vivem o período escolar. Entre estudos, sonhos e descobertas, eles são convidados a perceber que servir à Igreja é um caminho de crescimento humano e espiritual. Quando encontram espaço para participar da liturgia, da catequese, das ações solidárias e das diversas pastorais, descobrem que a fé ilumina seus projetos de vida e os prepara para serem discípulos missionários de Cristo no mundo.

Além desses temas, esta edição reúne outros artigos igualmente inspiradores, que abordam questões como inclusão, autoestima e valorização da pessoa humana. São reflexões que enriquecem esta publicação e nos convidam a viver, com fé e esperança, os valores do Evangelho em nosso cotidiano.

Que esta edição seja um convite à reflexão, ao fortalecimento da fé e ao compromisso com a missão da Igreja. Que, inspirados pelo ensinamento do Papa Leão XIV, sejamos promotores de uma humanidade que reconhece em cada pessoa a imagem de Deus; de famílias que testemunham o amor cristão; de comunidades que acolhem os que sofrem; de jovens dispostos a servir; e de corações capazes de contemplar, em todas as circunstâncias da vida, a infinita beleza do Senhor.

Desejamos a todos uma excelente leitura. Que o Espírito Santo conduza nossos passos e faça de cada um de nós sinais vivos do amor de Deus, levando esperança, paz e alegria a todos aqueles que encontrarmos em nosso caminho.

Sandra Regina Picolo
Professora universitária.
No Instagram :
@portuguesemgotinhas



Sumário

2	EDITORIAL
4-5	PASTORAL A JUVENTUDE CATÓLICA E O AMBIENTE ESCOLAR
6-7	DESTAQUE - CAPA FAMÍLIA, PROJETO DO CORAÇÃO DE DEUS
8	CATEQUESE EM FOCO QUANDO O CORAÇÃO CANSA, ONDE ENCONTRAR PAZ?
9 a 11	PASTORAL SETOR DE VIÚVOS E PESSOAS SÓS
12-13	PALAVRA DO PADRE MAGNIFICA HUMANITAS
14	SAÚDE / INCLUSÃO A BELEZA DE DEUS NÃO CABE EM UM SÓ ROSTO
14	SAÚDE / INCLUSÃO A LINGUAGEM SILENCIOSA DO AMOR: COMO FUNCIONA?
16-17	CATEQUESE O PAI QUE A FAMÍLIA ESPERA
18	ARTE POEMA
19	RECONHECIMENTO

FUNCIONAMENTO DA IGREJA

Secretaria:

Av. Índico, 583, Jardim do Mar - SBC/SP
A Secretaria Paroquial
(Fabiano, Tainá e Juliano) tem
os seguintes contatos:
Fixo 11 4330-4289
WhatsApp 11 94078-9583 |
11 96610-2330

ATENDIMENTO SACERDOTAL -
ACONSELHAMENTOS E CONFISSÕES

Terça-feira - das 10h às 11h30
Quarta e quinta-feira - das 15h às 17h

Atendimento na secretaria paroquial
por ordem de chegada

**TODOS OS DOMINGOS,
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA
CAPELA SÃO BERNARDO, NO
CEMITÉRIO DA VILA EUCLIDES
ÀS 09 HORAS.**

Contatos: Preferencialmente
pelo WhatsApp
e-mails: ssvirgem@gmail.com
santissima@diocesesa.org.br

Redes:
Instagram: @paroquiasantissimavirgem
Youtube: paroquiasantissimavirgem

REVISTA SANTÍSSIMA VIRGEM
da Paróquia Santíssima Virgem

REALIZAÇÃO:
PASCOM

DIREÇÃO: Pe. Vagner Franzini

COORDENAÇÃO:
Udemia L. S. Carvalho.

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
José Neves S. Filho (MTB 54.336).

CONSELHO EDITORIAL:
Núcleo Revista Pascom
Santíssima:
Padre Guillermo
Daniel Micheletti

José Neves S. Filho
Luciano Domingos

Robson Vanderlei Alves
de Andrade

Rosana Irie

Sandra Regina Picolo

Udemia L. S. Carvalho

Ivanir Júnior

REVISÃO FINAL:
Luciano Domingos.

EDIÇÃO E REVISÃO:
Sandra Picolo.

PROJETO GRÁFICO:
Ivanir Júnior

DIAGRAMAÇÃO: Rodrigo
Caserta e Ivanir Júnior

CAPA: Ivanir Júnior

FOTOS:
Gabi Rodrigues
Luciano Domingos
Veneranda Pereira

COLABORADORES:
José Guida Neto
Kica Castro
Regiane Monteiro
Gabriella Brito

OBSERVAÇÃO: Os artigos são de
responsabilidade de seus autores.

A JUVENTUDE CATÓLICA E O AMBIENTE ESCOLAR: COMO CONCILIAR ESTAS DUAS REALIDADES

“Todos nascemos originais, mas muitos de nós morremos como fotocópias.” – São Carlos Acutis

Carlos Acutis nasceu em Londres, no Reino Unido, em 3 de maio de 1991; e faleceu em Monza, na Itália, aos quinze anos de idade, em 12 de outubro de 2006. Quando do seu nascimento, seus pais, italianos, encontravam-se no Reino Unido devido ao trabalho do pai.

Sempre vivenciou o catolicismo: foi batizado duas semanas após o seu nascimento, seus estudos primários aconteceram em um colégio administrado pelas Irmãs de Santa Marcelina; recebeu a Primeira Comunhão aos sete anos de idade, no Mosteiro das Eremitas Ambrosianas. Como ele mesmo relatava, a Sagrada Eucaristia era o centro de sua vida. Aos seus amigos, sempre dizia que “A Eucaristia é minha autoestrada para o céu.” Continuou os seus estudos no Colégio Leone XIII, em Milão, fundado pela Companhia de Jesus.

Paralelamente à sua vida de estudante, Carlos Acutis foi catequista na Paróquia Santa Maria Segretta, em Milão. Dedicou-se ao site da Paróquia, aprendendo a desenvolver e a criar páginas para a Internet. Sua dedicação foi tamanha que criou um site de promoção do serviço voluntariado, um layout para a Oração do Rosário e trabalhou na página da Pontifícia Academia Cultorum Martyrum. Criou, também, um site que catalogava milagres eucarísticos e aparições marianas ao redor do mundo.

Foi diagnosticado com uma forma agressiva de leucemia no início de outubro de 2006, que levou ao seu falecimento poucos dias depois, no dia 12 de outubro.

Sua caminhada aos altares começou com os pedidos de beatificação logo após a sua morte. Em 2013, recebeu o título de Servo de Deus; em 2015, o título de Venerável. Em 2020, o então Papa Francisco autorizou a promulgação dos documentos e decretos para a beatificação, que aconteceu no dia 10 de outubro do mesmo ano, em Assis, na Itália, onde Carlos Acutis pediu para ser sepultado. Sua canonização aconteceria em 27 de abril de 2025, mas com o falecimento de Francisco, dias antes, em 21 de abril, a cerimônia foi adiada.

O Papa Leão XIV realizou a cerimônia de canonização no dia 7 de setembro de 2025 e Carlos Acutis passou a ser conhecido como o Santo da Internet, o Influencer de Deus, o Santo Millennial, Ciber Apóstolo e Geek de Deus, codinomes estes ligados à sua evangelização através da Internet. O exemplo de Carlos Acutis pode parecer distante, muitas vezes, inalcançável; ainda mais quando nos deparamos com frases ditas ou escritas por ele:

- “Estou feliz em morrer, por que vivi minha vida sem perder nem mesmo um minuto dela com coisas de que Deus não gosta.”
- “A única coisa que nós temos que pedir a Deus na oração é a vontade de ser santos.”
- “Todos os dias vivo a Eucaristia como um diálogo constante com Jesus, como uma autêntica esperança. A Eucaristia é a minha autoestrada para o céu.”
- “Todos nascemos originais, mas muitos de nós morremos como fotocópias.”
- “A nossa meta deve ser o infinito, não o finito. O infinito é a nossa pátria. Desde sempre o Céu nos espera.”

E muitas outras que nos impactam. Mas a sua realidade está muito mais próxima do que imaginamos. E ainda mais próxima dos jovens. Não podemos esquecer que ele faleceu aos quinze anos, e era estudante. Passou pelas mesmas realidades, alegrias e dificuldades que muitos adolescentes passam em sua vida escolar; mas o seu diferencial era a Sagrada Eucaristia.

E este mesmo diferencial muitos jovens que frequentam nossa Paróquia também apresentam. Amam a Cristo, dedicam-se à sua Igreja. Dois jovens participaram de um bate-papo sobre o papel do jovem católico no ambiente escolar. E eles refletem bem este papel.

Os jovens são Sabrina Milani Marques e Gustavo Battistini Bravo Alves. Ela, com 16 anos e ele, com 15 anos. Ambos estudantes no Ensino Médio, no período da manhã, e acordam cedo para enfrentarem (e vencerem!) a rotina de estudos do dia a dia. No período da tarde, ajudam nos

afazeres domésticos, fazem sua lição de casa, dedicam-se a trabalhos escolares e a períodos de provas etc. e encontram tempo para a diversão em meio a videogames e redes sociais.

As famílias de ambos são bem atuantes em nossa Paróquia (ao contrário dos pais de Carlos Acutis, pasmem!, que não eram muito religiosos!) e em família aprenderam valores como humildade, valor da oração, amor ao próximo, paciência, honestidade, compaixão e, acima de tudo, fé; resultando em uma caminhada junto à Igreja, pois ambos acabaram por trilhar caminhos semelhantes: foram Coroinhas e atualmente são Cerimoniários, participam do grupo de jovens da Paróquia e são monitores da Perseverança. E ainda atuam em outras pastorais. Uma trajetória longa, e bela, para jovens adolescentes, mas cujo caminho não é somente de flores, pois cometem os mesmos erros que outros adolescentes cometem, e sofrem as mesmas sanções impostas por outros pais: levam bronca, ficam de castigo, ficam sem celular e por aí vai. Eles são categóricos em afirmar que não é fácil vivenciar os valores que aprendem e recebem em casa na sociedade, pois muitas são as tentações: as drogas (lícitas e ilícitas), músicas com letras horríveis, desafios a realizarem ou fazerem algo que não concordam, e muitas outras coisas que os levam a desviar do caminho do bem que escolheram; tudo isso vindo de pessoas que, infelizmente, fazem parte do cotidiano dos nossos jovens.

Devido à obrigatoriedade do uniforme, não podem usar camisetas com estampas religiosas, mas caso fosse permitido, não perderiam a oportunidade. Levam sempre consigo o Terço ou algum outro objeto católico-religioso, como um crucifixo ou um escapulário.

O respeito aos seus colegas e a religiosidade de cada um foi o que aprenderam em casa, pois no ambiente escolar, ambos convivem com outros adolescentes que apresentam as mais diversas realidades e as mais diversas religiões, e com adolescentes que são agnósticos ou ateus; jovens que se dizem católicos apenas por dizerem, mas que somente vão à Igreja em eventos como casamento, por exemplo.

Mas o contrário nem sempre acontece. Os questionamentos sobre a Igreja Católica e sobre a postura deles surgem a todo instante. Os questionamentos e os ataques a Nossa Senhora machucam muito, doem bastante. Outro tema que os colegas de escola abordam é sobre a rotina na Igreja no fim de semana ou mesmo durante a semana. Muitos não entendem a necessidade de ir à Missa, de prestar um serviço em uma instituição, servir sem receber nada em troca. Vale dizer que ambos já sofreram discriminações no ambiente escolar por serem católicos; já ficaram isolados por exprimirem as suas opiniões e testemunharem sua fé; e já foram excluídos de rodas de conversas e de outras atividades por sua religiosidade não atender aos que os outros colegas gostariam. Nesta situação, a palavra paciência foi lembrada por ambos. O Gustavo informou que nunca percebeu ou sentiu alguma forma de discriminação vinda dos professores, mas a Sabrina relata que já passou por situações constrangedoras geradas por comentários de alguns de seus professores, que somente apontam erros e pontos negativos em relação à Igreja.

E mesmo assim, ambos não esquecem seus valores. E diante desta realidade apresentada, lembramos que a CNBB já realizou duas Campanhas da Fraternidade cujos temas centrais foram os jovens: em 1992, com o tema Juventude e o lema “Juventude – Caminho Aberto”, estabeleceu um compromisso com os jovens como protagonistas de sua própria realidade e como agentes de evangelização capazes de transformar a Igreja e a Sociedade; e em 2013, com o tema Fraternidade e Juventude e o lema “Eis-me aqui, envia-me!”, incentivou os jovens à vivência da fé e à vivência na Igreja, buscando a construção de uma sociedade com bases na justiça, na vida e na paz.

A Sabrina nos deixa uma mensagem: “Ser jovem e ser católico é um desafio, principalmente na escola, onde muitas vezes a gente é pressionado a agir diferente daquilo que a gente acredita. Mas justamente nesses momentos Deus ajuda a gente a viver sempre com respeito, amor e honestidade. E também participar de grupos de jovens fortalece nossa fé, cria novas amizades, melhora nossos pensamentos; e acaba nos ajudando a permanecer firmes no caminho de Deus. Então, é muito importante escutar também nossos pais, pois eles estão sempre presentes no nosso dia a dia, e eles já passaram por tudo o que a gente já passou e o que gente ainda está passando.”

Já o Gustavo nos lembra: “Nunca desistam, mesmo que seja muito difícil ser um jovem católico no mundo de hoje, com desigualdades, com preconceitos em geral e com preconceitos religiosos. Tenham fé. Se está acontecendo uma coisa ruim, não pense somente nessa coisa ruim. Pense no que Deus está tentando te ensinar a partir desse acontecimento. Nunca desistam. Tenham fé e confiem em Deus, confiem na intercessão de Nossa Senhora, para que ela sempre abençoe vocês.!”

Nós adultos, enquanto Igreja, estamos deixando um caminho aberto aos jovens para que eles correspondam fielmente ao chamado que Deus faz, constantemente, a cada um deles? Quantos, com a nossa ajuda, são realmente capazes de responder: “Eis-me aqui, envia-me!”? Mais de trinta anos se passaram desde a primeira Campanha, e muito ainda precisa ser feito em favor dos nossos jovens.

Uma das frases marcantes de São Carlos Acutis é: “Todos nascemos originais, mas muitos de nós morremos como fotocópias.” Que possamos permanecer originais sempre, e lutarmos para formar jovens também originais, íntegros, que saibam que Cristo é o melhor e o mais sincero amigo que irão encontrar. Que São Carlos Acutis possa interceder por todos os jovens hoje, amanhã e sempre!

Por Luciano Domingos
Professor



FAMÍLIA, PROJETO DO CORAÇÃO DE DEUS

Santuário onde o coração humano é formado



A família é obra das mãos de Deus, que com seu amor incondicional, respeita nossas escolhas, mas continua paternalmente nos esperando retornar à Sua Casa.

Como é de costume no mês de agosto, a Igreja Católica reserva uma semana para meditar sobre o tema Família. Neste ano, a Semana da Família será de 9 a 15 de agosto, quando o Magistério da Igreja celebra quarenta e cinco anos da Exortação Familiaris Consortio e dez anos da Amoris Laetitia, as quais darão a tônica da Semana da Família 2026 que tem como tema Família, torna-te aquilo que és! e lema: “O amor jamais acabará”

(I Cor 13,8). A célebre frase “A família é a célula mater da sociedade”, atribuída ao escritor e jurista Ruy Barbosa (1849-1943), nos ajuda a refletir que é na família que cada indivíduo vive a maior parte da existência, já que é a única sociedade que possui laços indissolúveis. Se não houver equilíbrio nas relações e o cumprimento do seu papel, ela pode ser desintegrada. Isso nos faz refletir que destruída a família, a sociedade se desfará por consequência.

O papel fundamental da família é educar, no sentido mais amplo da palavra, os filhos num ambiente saudável de amor e paz. O lar é o lugar

onde o coração humano é formado. Os valores, crenças, escolhas, atitudes e comportamentos dos pais e/ou cuidadores influenciam diretamente a construção da história dos filhos, tendo o poder de afetar a saúde física e mental das crianças e seu desenvolvimento acadêmico e relacional ao longo da vida.

As Exortações “Familiaris Consortio”, de São João Paulo II, e “Amoris Laetitia”, do Papa Francisco, são fundamentais para entender a visão da Igreja Católica sobre a família, especialmente diante das mudanças culturais atuais e dos desafios pastorais que essas mudanças trazem.

A Exortação Familiaris Consortio destaca a importância do amor conjugal, mas também reconhece as fragilidades e desafios enfrentados pelas famílias hoje, influenciadas por rápidas mudanças antropológico-culturais que afetam todos os aspectos da vida familiar e a dificuldade de transmitir a fé em um ambiente culturalmente hostil e a crise de autoridade nas famílias. Apesar desses desafios, como cristãos, não podemos renunciar ao dever de propor o matrimônio como valor a ser buscado. O matrimônio cristão é uma vocação profunda que contribui para a construção de uma sociedade justa e amorosa. Ao propor o matrimônio, a Igreja oferece ao mundo um modelo de relacionamento baseado no amor verdadeiro, na fidelidade e na abertura à vida.

Convém lembrar que é na família que são gerados os grandes homens e mulheres, que terão a responsabilidade de transformar a sociedade; sacerdotes, irmãs religiosas, médicos, cientistas,

professores, governadores, leigos, entre tantos outros. E, para além disso, sabemos que no céu não nascem crianças, portanto são os nossos filhos que povoarão o céu.

Em continuidade com os princípios sobre a família e o matrimônio da “Familiaris Consortio”, a Exortação Apostólica “Amoris Laetitia” reconhece a complexidade moderna da realidade familiar, influenciada por rápidas mudanças culturais e sociais. Destaca desafios como o individualismo exagerado, que desvirtua os laços familiares; a cultura do provisório, que impede compromissos duradouros; as pressões econômicas e sociais; a ideologia de gênero e as mudanças nas concepções de identidade e relações sexuais. “Amoris Laetitia” reforça a necessidade de preparação para o matrimônio e acompanhamento contínuo dos casais. Propõe também uma abordagem pastoral inclusiva e misericordiosa, acolhendo famílias em situações irregulares e promovendo o discernimento e a integração na vida da Igreja. Além disso, defende a promoção de políticas públicas que apoiem a família e encorajem a comunicação aberta e a participação ativa de todos os membros da família.

Em tempos de guerras “quentes e frias”, é importante lembrar a frase de Madre Teresa de Calcutá, e não só lembrar, mas com muita seriedade colocá-la em prática: “O que você pode fazer para promover a paz mundial? Vá para casa e ame sua família.”

Referências:

<https://padrepauloricardo.org/episodios/a-presenca-real-de-jesus-na-eucaristia>

<https://padrepauloricardo.org/episodios/precisamos-ter-fome-da-eucaristia>

https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html

Por Rosiani do Amaral e Silva Moraes

Psicóloga Clínica, pós-graduada em Administração e Pós graduanda em Neurociência e Comportamento Alimentar. Paroquiana da Catedral do Carmo em Santo André. Realiza um trabalho de Evangelização de Mulheres, e juntamente com seu esposo apresenta o Programa Grupo de Oração Nos Braços da Imaculada, na Rádio Milícia da Imaculada.



QUANDO O CORAÇÃO CANSA, ONDE ENCONTRAR PAZ?

Sentir um frio na barriga antes de um momento importante ou perceber as mãos transpirando diante de uma situação difícil fazem parte das reações naturais do corpo humano. Porém, quando surgem sintomas como falta de ar, insônia frequente, medo constante ou crises de pânico ao longo do dia, já não se trata apenas de preocupação, mas de um transtorno que afeta milhões de pessoas no mundo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a ansiedade já é considerada uma epidemia global. Em uma sociedade marcada pela hiperconectividade das redes sociais, pelas polarizações, guerras, instabilidade financeira, problemas de relacionamento e tantas incertezas, o coração humano parece viver em estado permanente de alerta.

E, em meio a tudo isso, quantas vezes tentamos carregar sozinhos preocupações que Deus nos convida a entregar a Ele?

Muitas pessoas acabam se isolando, guardando a dor apenas para si. Entretanto, Deus não nos chama para enfrentar os momentos difíceis sozinhos, mas para confiar n'Ele mesmo em meio ao cansaço e à fragilidade.

No Primeiro Livro dos Reis 19, 4-13, encontramos o profeta Elias esgotado física e emocionalmente. Depois de caminhar pelo deserto, Elias perde as forças e deseja desistir. No entanto, Deus não o abandona. Antes de qualquer palavra, Deus permite que Elias descanse, envia

alimento através de um anjo e o fortalece para continuar sua caminhada ao Monte.

A passagem nos recorda que até mesmo homens de grande fé passaram por momentos de medo, solidão e desânimo. Deus, porém, continua presente também nas nossas fraquezas.

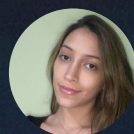
Como está escrito em Mateus 11, 28:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.”

A fé não elimina automaticamente as preocupações da vida, nem substitui os cuidados psicológicos quando necessários. Buscar ajuda profissional também é um gesto de coragem e cuidado consigo mesmo. Mas a oração, o silêncio, a confiança em Deus e o acolhimento da comunidade podem trazer força e esperança para seguir a caminhada.

Em um mundo tão acelerado, nós precisamos aprender a parar, descansar e permitir que Deus cuide das feridas que carregamos em silêncio.

Ivy Abreu Brandt
Graduação em Design



SETOR DE VIÚVOS E PESSOAS SÓS DA PASTORAL FAMILIAR: UMA REALIDADE MUITO ALÉM DO ACOLHIMENTO

Se há Cristo, há vida, alegria, caridade, amor, fé, paz e uma extensa lista de bons sentimentos e de grandes dons que devem ser experienciados e partilhados.



Na Festa de Jesus Cristo, Rei do Universo celebrada no dia 22 de novembro de 1981, o então Papa João Paulo II apresentou-nos e presenteou-nos com a Exortação Apostólica FAMILIARIS CONSORTIO, que se inicia com as seguintes palavras:

“A FAMÍLIA nos tempos de hoje, tanto e talvez mais que outras instituições, tem sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura. Muitas famílias vivem esta situação na fidelidade àqueles valores que constituem o fundamento do instituto familiar. Outras tornaram-se incertas e perdidas frente a seus deveres, ou ainda mais, duvidosas e quase esquecidas do significado último e da verdade da vida conjugal e familiar. Outras, por fim, estão impedidas por variadas situações de injustiça de realizarem os seus direitos fundamentais.

Consciente de que o matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade, a Igreja quer fazer chegar a sua voz e oferecer a sua ajuda a quem, conhecendo já o valor do matrimônio e da família, procura vivê-lo fielmente, a quem, incerto e ansioso, anda à procura da verdade e a quem está impedido de viver livremente o próprio projeto familiar. Sustentando os primeiros, iluminando os segundos e ajudando

os outros, a Igreja oferece o seu serviço a cada homem interessado nos caminhos do matrimônio e da família.

Dirige-se particularmente aos jovens, que estão para iniciar o seu caminho para o matrimônio e para a família, abrindo-lhes novos horizontes, ajudando-os a descobrir a beleza e a grandeza da vocação ao amor e ao serviço da vida.”

Até então, diversos movimentos e serviços atuavam na Igreja em prol das famílias, a exemplo do MFC — Movimento Familiar Cristão, que atuava na evangelização, promoção e auxílio; porém, atuavam de forma autônoma buscando conhecer as necessidades familiares e desenvolvendo formas diversas de ação.

Com a publicação da FAMILIARIS CONSORTIO (e de outros documentos que têm como base esta exortação), que aprofundou a missão da família cristã no mundo de hoje e, nasceu na Igreja a PASTORAL FAMILIAR, que abarcou e ampliou a atuação dos movimentos e serviços, visto que a família estava (e ainda está) presente, direta ou indiretamente, em todos as pastorais, movimentos, serviços e associações. O intuito desta criação não foi de substituir as antigas ações, mas sim, unir, coordenar, sistematizar e ampliar o alcance dos dons e dos carismas em prol e em benefício das famílias.

Aqui, a Pastoral Familiar foi estruturada pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o que resultou no documento Estudo 65 – Pastoral Familiar no Brasil, que trouxe bases, diretrizes e orientações para esta nova e grandiosa pastoral. Sua função primordial é cristocêntrica, acolhendo, evangelizando e acompanhando as famílias em todas as suas fases, fortalecendo a Igreja doméstica. Para tal, a Pastoral Familiar é estruturada em três grandes áreas, chamadas de setores: Setor Pré–Matrimonial (voltado para as futuras gerações e casais – jovens, namorados e noivos, falando sobre o Sacramento do Matrimônio e sobre a vida a dois), Setor Pós–Matrimonial (voltado para os casais – acompanhamento do casamento, estabelecimento de diálogo entre os cônjuges e fortalecimento dos vínculos familiares) e Setor de Casos Especiais (voltado às famílias que vivenciam as mais diversas complexidades, acolhendo e incluindo cada uma delas em suas realidades).

O Setor de Casos Especiais identifica pouco mais de quarenta situações de complexidade pelas quais uma família pode passar, das quais podemos citar viuvez, luto, situações de vulnerabilidade (ou fragilidade) social ou emocional, pessoas solteiras, casais em nova união, pai ou mãe solteiro (famílias monoparentais), dependência química, entre tantas outras. A Pastoral Familiar atua no coração de cada uma das famílias assistidas, com amor, carinho e dedicação, mostrando o lado de misericórdia e de acolhimento que deve ser inato do ser humano para o ser humano, sem julgamentos.

O Setor de Casos Especiais atua em diversas frentes, entre elas, o setor de Viúvos e Pessoas Sós. A princípio, o nome pode causar estranheza ou mesmo um sentimento de compaixão, mas a realidade é muito maior e mais abrangente, pois revela uma força incrível. O objetivo é acolher, apoiar e auxiliar espiritual, social e emocionalmente aqueles que perderam seus cônjuges ou que vivem, sem uma pessoa ao seu lado.

Em nossa Paróquia, o Setor de Viúvos e Pessoas Sós atua desde 2013. Os encontros não mensais, em sábados pré–determinados, das 14h30 às 17h30, e têm, em média, de 50 a 60 participantes, em sua maioria, mulheres. Qualquer pessoa adulta pode participar, em qualquer momento de sua vida que esteja passando por uma situação na qual possa encontrar acolhimento neste setor. O número de participantes varia de acordo com o que será abordado e a divulgação dos temas e atividades é feito mensalmente.

São vinte e quatro agentes da Pastoral Familiar que atuam diretamente no Setor de Viúvos e Pessoas Sós, e muitos deles levam os seus filhos para dedicarem seu tempo em prol do próximo. E isso é muito bonito de se ver: a Família trabalhando unida para a construção de um mundo melhor. Estes agentes (e seus familiares) preparam os encontros com atenção, cuidado e carinho, buscando atender, individual e coletivamente, as necessidades de cada participante. Como falado anteriormente, a atuação é cristocêntrica, com o objetivo de evangelizar, e isso acontece através de palestras, dinâmicas em grupo, música, passeios, festas temáticas, ou em momentos de partilha em meio a um café da tarde.

O trabalho é mais profundo e vai muito além do acolhimento. Aliás, a palavra ACOLHIMENTO nem deveria ser algo a ser discutido por nós Católicos, nem deveríamos pensar se

devemos ou não acolher e a quem devemos ou não acolher. Para nós Católicos, por sermos cristãos, temos a obrigatoriedade de sermos, o máximo que nos for possível, semelhantes a Cristo Jesus, que acolheu a todos sem questionamentos, sem julgamentos, sem distinções.

No Setor de Viúvos e Pessoas Sós há PALESTRAS que tratam das realidades dos participantes, mostrando a visão da Igreja em cada tema e lembrando sempre que Cristo está ao lado de cada um de nós. Nas palestras voltadas para a saúde, médicos, psicólogos, fisioterapeutas e diversos outros profissionais da área da saúde falam de bem–estar, cuidados, vivências e autoconhecimento.

Há a ESCUTA, um momento seguro e fraterno no qual os participantes podem falar da saudade que trazem no peito, de suas alegrias e tristezas, das angústias que sofrem.

Há DINÂMICAS que buscam o fortalecimento da memória e da cognição.

Há JOGOS que fortalecem os vínculos e a sociabilidade; e auxiliam na parte motora e mental.

Há a AUTOESTIMA buscando redescobrir o sentido da vida sempre e o valor das novas interações sociais.

Há a SOCIABILIDADE para que o isolamento social não se torne uma realidade e para que possam descobrir novos espaços, novos lugares e novas amizades. Para muitos participantes, após a perda não somente de seus cônjuges, mas também de filhos e de outras pessoas próximas, as novas amizades ali formadas tornaram–se a sua família, com quem hoje partilham a sua vida. Infelizmente, alguns participantes relatam que têm mais interação com os agentes da Pastoral Familiar ou com os outros participantes do que com seus próprios familiares. Uma triste realidade, lembrando que os encontros são mensais!

Há a ESPIRITUALIDADE, na qual os momentos de oração trazem conforto e esperança.

E há o CRISTO! E se há Cristo, há vida, alegria, caridade, amor, fé, paz e uma extensa lista de bons sentimentos e de grandes dons que devem ser experienciados e partilhados.

Nem pensem, caros leitores, que os agentes da Pastoral Familiar que atuam no Setor de Viúvos e Pessoas Sós dedicam seu tempo neste trabalho missionário sem receber nada em troca. E se você pensa que falo de retorno financeiro, sinto frustrar seus pensamentos. Falo, pois, de afeto, carinho, um abraço sincero e agradecido acompanhado de um sorriso encantador de cada participante. E isso, dinheiro não compra, não paga e é o tipo de retribuição que não pode ser mensurado ou pesado. Para os agentes, é uma alegria que nasce no coração e irradia; e uma satisfação à flor da pele que comove, acalenta e dá a certeza de que trilham o caminho certo.

O Setor de Viúvos e Pessoas Sós de nossa Paróquia, juntamente com a Pastoral Familiar, está de braços abertos acolher a todos que passam por complexidades em sua vida e buscam conforto; e para receber novos agentes que queiram viver e testemunhar grandes momentos sob a luz do Cristo. Entre em

contato com a Secretaria Paroquial para maiores informações, ou falem com os agentes da Pastoral Familiar.

Ainda, quase ao final da Exortação Apostólica, João Paulo II nos diz:

“Amar a família significa saber estimar os seus valores e possibilidades, promovendo–os sempre. Amar a família significa descobrir os perigos e os males que a ameaçam, para poder superá–los. Amar a família significa empenhar–se em criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. E, por fim, forma eminente de amor à família cristã de hoje, muitas vezes tentada por incomodidades e angustiada por crescentes dificuldades, é dar–lhe novamente razões de confiança em si mesma, nas riquezas próprias que lhe advém da natureza e da graça e na missão que Deus lhe confiou. “É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura! É necessário que sigam a Cristo”. Compete, ainda aos cristãos, a tarefa de anunciar com alegria e convicção a “Boa Nova” acerca da família, que tem necessidade absoluta de ouvir e de compreender sempre mais profundamente as palavras autênticas que lhe revelam a sua identidade, os seus recursos interiores, a importância da sua missão na Cidade dos homens e na de Deus.”

E nos coloca nas mãos da Sagrada Família de Nazaré. Que este seja o nosso norte: Por misterioso desígnio de Deus, nela (na Sagrada Família de Nazaré) viveu o Filho de Deus escondido

por muitos anos: é, pois, protótipo e exemplo de todas as famílias cristãs. E aquela Família, única no mundo, que passou uma existência anônima e silenciosa numa pequena localidade da Palestina; que foi provada pela pobreza, pela perseguição, pelo exílio; que glorificou a Deus de modo incomparavelmente alto e puro, não deixará de ajudar as famílias cristãs, ou melhor, todas as famílias do mundo, na fidelidade aos deveres quotidianos, no suportar as ansias e as tribulações da vida, na generosa abertura às necessidades dos outros, no feliz cumprimento do plano de Deus a seu respeito.

Que São José, “homem justo”, trabalhador incansável, guarda integérrimo dos penhores que lhe foram confiados, as guarde, proteja e ilumine.

Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja, seja também a Mãe da “Igreja doméstica” e, graças ao seu auxílio materno, cada família cristã possa tornar–se verdadeiramente uma “pequena Igreja”, na qual se manifeste e reviva o mistério da Igreja de Cristo. Seja Ela, a Escrava do Senhor, o exemplo de acolhimento humilde e generoso da vontade de Deus; seja Ela, Mãe das Dores aos pés da Cruz, a confortar e a enxugar as lágrimas dos que sofrem pelas dificuldades das suas famílias.

E Cristo Senhor, Rei do Universo, Rei das famílias, como em Caná, esteja presente em cada lar cristão a conceder–lhe luz, felicidade, serenidade, fortaleza.



Referências:
Bíblia de Jerusalém
Catecismo da Igreja Católica
CNBB Pastoral Familiar - <https://www.cnbb.org.br/pastoral-familiar/>
CNBB Portal Vida e Família - <https://vidaefamilia.org.br/>
Estudo 65 – Pastoral Familiar no Brasil
Santa Sé – Exortações Apostólicas - https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html

Por Luciano Domingos
Professor



Magnifica Humanitas – primeira Encíclica do Papa Leão XIV

A Igreja, mais uma vez, questiona-se como ser católico e moderno



“**A** Magnifica Humanitas é um hino de sabedoria e de amor soando para um mundo de “podres poderes” que se digladiam e que estão na iminência de conduzir a humanidade para perdas e danos irreparáveis. A encíclica surge como um sinal, signo e símbolo de alerta aos imensos desafios de todas as ordens que hoje se apresentam” (Lúcia SANTAELA).

“A Magnifica Humanitas chegou em boa hora. Se a publicação desta encíclica tivesse sido adiada, o Papa Leão XIV poderia ter perdido uma oportunidade de ouro para abordar as perturbações de uma tecnologia em rápido avanço, que ele descreveu como dando origem a uma ‘nova revolução industrial’” (Scott HURD).

“O homem moderno não foi educado para usar corretamente o poder” (GUARDINI, Romano. O Poder).

A primeira encíclica do Papa Leão XIV, Magnifica Humanitas (MH) (Magnífica Humanidade) surpreende-nos com um estilo de argumentação novo e contemporâneo. É o primeiro documento papal da era moderna a abordar a Inteligência Artificial (IA) como tema central. O seu tom geralmente esperançoso, mas realista, é notável e, seguindo os passos de Santo Agostinho, aborda o tema da civilização do amor.

O que aparece de modo audaz e refrescante na MH é que o Papa não se fecha numa torre de marfim doutrinal; surpreende citando homens e mulheres da cultura contemporânea, independentemente de sua origem denominacional e não apenas citações do magistério eclesástico ou de pensadores cristãos. Leão XIV enxerga os “sinais dos tempos” e para iluminá-los decide se colocar em diálogo aberto com autores modernos, filósofos, literatos e psicólogos que, desde as margens do tecido estritamente eclesial, já intuíram as fendas

da modernidade. Nomes como J.R.R. TOLKIEN, Hannah ARENDT, Viktor FRANKL e Romano GUARDINI se convertem nos surpreendentes, mas, eficazes, companheiros de viagem do Papa. Temos a sensação de estarmos lendo um texto de um teólogo contemporâneo.

Primeiramente, vale destacar o tom esperançoso da encíclica ao abordar um tema tão controverso e espinhoso como a “Inteligência Artificial”. Contudo, ela se mostra realista ao descrever a situação global de conflitos em curso: “Esta não é uma descrição sombria e pessimista, mas uma denúncia necessária” (MH, 210). Essa denúncia torna-se cristalina quando se refere a “bombardeios contra civis, ataques a hospitais, escolas ou infraestruturas vitais, violência contra crianças... escândalos que ferem a própria humanidade” (MH, 216). É como se estivesse se referindo ao genocídio israelense na Faixa de Gaza. Coloca-se na perspectiva das vítimas, “pois não nos cabe permanecer neutros diante dos conflitos” (MH, 216). O lugar dos cristãos é do lado dos sofredores e humilhados.

Mas, ao abordar diretamente o desafio da IA, de forma positiva, o Papa afirma imediatamente que ela permanece sempre artificial e jamais substitui o que é natural (MH, 97). Contudo, ela “pode representar ‘uma forma de participação no ato divino da criação’” (MH, 111). Esse fato implica que ela deva assumir “uma responsabilidade ética e espiritual especial, visto que cada escolha de projeto expressa uma visão da humanidade” (MH, 111; 117; 129). De fato, esse ponto é crucial na visão do Papa: não basta considerar se a tecnologia e a IA são boas ou más e se seus fins são bons, mas sim esclarecer “a visão subjacente, se elas tratam o ser humano como matéria a ser aperfeiçoada ou superada... ou seu progresso moral e social” (MH, 117). A IA “não é moralmente neutra, uma vez que todo artefato técnico envolve decisões e prioridades: o que mede, o que ignora, o que otimiza e a forma como classifica pessoas e situações... Devemos nos perguntar: ‘qual é o projeto, qual ideia de pessoa e sociedade está inscrita nos dados e nos modelos que os orientam’” (MH, 104). Ela é “intrinsecamente ambígua, pode defender ou atacar, e a fronteira entre proteção e agressão tende a se tornar difusa” (MH, 1832).

É neste ponto que o Papa Leão XIV formula uma crítica contundente a duas ideologias: o transumanismo e o pós-humanismo. Essas ideologias “atribuem centralidade total à tecnologia e ao sonho de superar os limites da condição humana” (MH 116). O transumanismo visa aprimorar exponencialmente as capacidades humanas (por meio da biomedicina, da engenharia corporal e de algoritmos) para

torná-las mais eficientes e, assim, obter vantagens lucrativas. O pós-humanismo “visa ir além do ser humano e conectá-lo de tal forma com a máquina e o meio ambiente que inaugure um novo estágio de evolução” (MH 116). Aqui, os limites naturais do ser humano são desconsiderados e uma “salvação” puramente técnica é prometida (MH, 117). Podemos dizer que hoje, como vários analistas têm apontado, prevalece uma idolatria da tecnologia, uma verdadeira religião. Entre nós, isso foi publicamente denunciado pelo neurocientista de renome mundial, Miguel NICOLELIS, o qual afirma que a IA não é nem inteligência nem artificial ... Ao contrário da IA, os seres humanos não são máquinas de previsão estatística. E não somos um conjunto de algoritmos presos em um corpo do qual, com a tecnologia, podemos escapar (Scott HURD).

Seria extenso discutir os vários pontos abordados na encíclica MH. Seu objetivo abrange praticamente tudo, desde filosofias de vida, passando pela política (os vários radicalismos), economia (financeirização e criptomoedas), a recuperação do coração, educação, a importância do imaginário social, a questão do trabalho e da ecologia, culminando em utopias baseadas na cultura digital, tecnológica e cibernética e, finalmente, na civilização do amor. Esta “não é uma utopia ingênua, mas um projeto exigente” (NH 186).

O Papa descreve a salvação do que acontece atualmente: um sistema de vigilância e controle sobre a humanidade, proposto por algumas plataformas digitais; algumas, ostentadamente perversas, que controlam populações e contribuem com guerras do mundo. Manifestando uma séria preocupação pelo abandono dos sistemas de cuidado com os seres humanos, sua relação respeitosa com a natureza e a fraternidade universal entre os humanos e entre os humanos e o Todo. Toda a sua reflexão pressupõe esse confronto atual. Ele se posiciona claramente em favor do cuidado, do amor altruísta e da perspectiva das vítimas, dos pobres e dos oprimidos.

Contudo, não se trata, e esse é o teor da encíclica, de levantar armas contra os avanços da tecnologia, mas sim de nela encontrar pontos de força e não de fuga daquilo que pode nos tornar melhores, de irmos ao encontro do “mais que humano” (Lucia SANTAELLA). O Papa introduz um conceito sólido e original quando argumenta que a IA deve ser “desarmada”. Do mesmo modo como o fez com as armas nucleares, a Igreja advoga pela supervisão pública e o discernimento moral a respeito de uma tecnologia que, sem controle nem contrapesos, poderia agravar as injustiças.

Por isso, a encíclica se apresenta como um texto contemporâneo, de grande relevância, que utiliza a linguagem do nosso tempo e, portanto, é acessível a todos, sem sacrificar a seriedade e a profundidade das questões que devem ser consideradas, abordadas e direcionadas de forma a gerar esperança na possibilidade de um mundo diferente, afetuoso, amigável da natureza e aberto ao Infinito.

Sua mensagem está centralizada no humano: O Papa fala de IA, entretanto ressalta a pessoa humana. Se bem que a tecnologia é mencionada 14 vezes, a palavra “dignidade”

aparece 98 vezes e «pessoa» 158 vezes. O título “Humanitas” já é um manifesto: o debate, portanto, não é técnico, mas antropológico. Por isso, o documento destaca com força que a “dignidade humana não depende da produtividade nem das capacidades” e que “a fragilidade não é um defeito que tenha de ser eliminado”, pondo especial atenção à proteção dos setores mais vulneráveis da sociedade.

Desde uma perspectiva cristã — acrescenta Leão XIV — a dignidade humana se baseia no fato de termos sido feitos à imagem de Deus, concretamente à imagem de seu Filho humanado: Jesus Cristo; não em nosso potencial de eficiência ou produtividade. Nossas limitações como criaturas não são um “defeito”, mas uma “característica” que evoca compaixão e a nossa dependência uns dos outros e da graça de Deus. No fim, é essa graça que nos salvará, não o “progresso” humano. Por outra parte, a respeito do mundo laboral, afirmou que “o trabalho humano não pode ficar submetido à lógica das máquinas”, enquanto, sobre a liberdade pessoal, advertiu que essa se encontra ameaçada por “novas formas invisíveis de controle” vinculadas à manipulação de dados, algoritmos e sistemas de vigilância.

Em conclusão, esta encíclica possui um anúncio profético a tudo o que se fez nos últimos cinco anos, sobre a advertência que diferentes organismos têm realizado sobre o perigo que representa o atual desenvolvimento da IA, e o faz uma autoridade moral que só o Papa pode ter para os católicos e não católicos, destacando que a encíclica é muito corajosa quando não deixa de abordar nenhum dos temas fundamentais, colocando, assim, o debate “de igual a igual” com os que mais influenciam e tem poder (ARTIGAS, Carme — expert em IA — do grupo que ajudou na elaboração da MH) (Cf. LORENZO, José. Presentación de la encíclica papal en España – Religión Digital – 2/6/2026).

Com a MH, o Papa Leão XIV demonstra que a inovação não implica abandonar a tradição, mas aplicá-la com valentia aos sinais dos tempos. Humanizando o debate sobre a tecnologia, pedir perdão pelos erros do passado e desarmar o discurso belicista, o Papa oferece um mapa de estrada para que a IA contribua à construção de uma nova Cidade de Deus, e não uma desumana Torre de Babel.

Podemos afirmar que o atual Papa, inspirado na grande tradição doutrinal da Igreja sobre questões sociais (resumida na encíclica MH 28–44), retoma o tema da civilização do amor (termo cunhado pelo Papa PAULO VI). O Papa a define assim: “Consiste em traduzir a caridade em estruturas de justiça, dando forma institucional à fraternidade e considerando o outro — seja pessoa ou pessoas — como um aliado necessário para a construção do bem comum... Só este amor pode gerar uma ordem internacional estável, transformando a coexistência humana de uma simples coexistência belicosa numa comunidade de destino amoroso e fraterno” (cf. MH 186).

Pe. Guillermo Daniel Micheletti



A BELEZA DE DEUS NÃO CABE EM UM SÓ ROSTO

Há tempos em que o olhar deixa de buscar um ideal e aceita a realidade.

Antes do encontro, já existe uma classificação silenciosa: alguns corpos são reconhecidos como belo; outros, fora do padrão dominante de formas físicas, são colocados na margem da explicação, como se precisassem ser justificados antes de serem acolhidos.

A beleza deixa de ser experiência e se torna critério. Em vez de nascer do encontro, nasce da comparação com um modelo. O corpo, em sua diversidade concreta, passa a ser lido menos como presença e mais como adequação.

A Bíblia rompe essa lógica desde o início. Em Gênesis, não há hierarquia entre corpos. Há a criação. E sobre ela: “Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom” (Gênesis 1:31). A bondade não depende de aparência, mas da origem.

A beleza, aqui, é sinal de Deus.

Em Cristo, a encarnação aprofunda isso: Deus assume um corpo humano real, histórico e situado, impedindo qualquer separação entre dignidade e forma corporal.

No Evangelho, o homem cego de nascença desfaz leituras que associam corpo à culpa. Jesus afirma: “Nem ele pecou, nem seus pais” (João 9:3). O corpo não é uma punição



A modelo Ariete Angotti, pessoa com nanismo, afirma: “Muitas vezes eu era definida antes de ser compreendida. Isso não tinha a ver comigo, mas com o modo como se olha certos

corpos. Deus não me fragmenta pelo que veem de mim. Ele me reconhece por inteiro.”

A estudante Mariana da Silva reforça: “Um único padrão de beleza não descreve a realidade dos corpos humanos. Ele reduz essa realidade. Há uma diversidade que não deveria precisar se justificar para ser reconhecida.”



Entre essas vozes, emerge um ponto comum: não é o corpo que falta, mas o olhar que reduz.

Quando a beleza vira padrão fixo, deixa de ser reconhecimento e passa a ser seleção. A fé cristã, porém, não impõe um modelo único de corpo, mas revela a criação como pluralidade.

A diferença não é erro: é expressão.

Por isso, a deficiência não nega a beleza; questiona sua redução a um único formato.

No fim, não é apenas estética. É reconhecimento.

Porque, no horizonte cristão, a beleza nasce do fato de que cada corpo é chamado por Deus à existência e isso basta.

Por Kika de Castro
Fotógrafa



A LINGUAGEM SILENCIOSA DO AMOR: COMO FUNCIONA?

O amor nem sempre é expresso por palavras. Muitas vezes, ele se manifesta de forma silenciosa, por meio de atitudes, gestos, olhares e comportamentos que revelam sentimentos profundos sem necessidade de explicação verbal. Essa forma de comunicação se sustenta na presença, na atenção e na maneira como alguém se relaciona com o outro no cotidiano.

Essa linguagem pode ser percebida no contato visual atento, na preocupação com o bem-estar, na escuta verdadeira, no respeito aos limites e na presença em momentos difíceis. Pequenos gestos de cuidado e demonstrações espontâneas de afeto frequentemente expressam mais do que discursos elaborados.

A comunicação não verbal tem papel central nas relações humanas. Sorrisos sinceros, expressões de alegria, proximidade respeitosa e sintonia de comportamentos indicam conexão emocional. No entanto, esses sinais devem ser interpretados em conjunto e dentro do contexto, já que isoladamente podem ter significados diferentes.

O amor também se revela nas ações. Quem ama tende a demonstrar cuidado, respeito, apoio e interesse pela felicidade do outro. Por isso, muitas vezes, o comportamento comunica o que não é dito.

Apesar da importância dos gestos, eles não substituem a comunicação clara. Relações saudáveis dependem do equilíbrio entre demonstrações silenciosas de afeto, diálogo aberto, confiança e sinceridade. O vínculo se fortalece quando palavras e atitudes caminham juntas.

O respeito é um dos pilares essenciais de qualquer relação duradoura. Quando uma pessoa passa a enxergar a outra apenas como meio para satisfazer necessidades próprias, a relação se desgasta e perde equilíbrio. Sem respeito, a admiração enfraquece e o vínculo se fragiliza.

Por outro lado, relações saudáveis são construídas com reconhecimento mútuo, incentivo e valorização. Quando há apoio, ambos crescem juntos, fortalecendo a parceria e a convivência.

Além disso, a atração é uma força silenciosa que antecede muitas conexões emocionais. Ela se manifesta em sinais como olhar, postura, tom de voz e espelhamento de gestos. O contato visual pode indicar interesse, mas deve sempre ser interpretado dentro do contexto.

A atração também pode gerar nervosismo, mudanças na fala e comportamentos involuntários. No entanto, seus sinais variam conforme a situação e a cultura, exigindo cautela na interpretação.

Em alguns momentos, certas pessoas permanecem na memória mesmo na ausência, refletindo o impacto emocional das conexões humanas, que nem sempre podem ser explicadas racionalmente.

Também existem fases de solidão, que não significam ausência de valor, mas amadurecimento e preservação emocional. O valor pessoal não depende de relacionamento, validação externa ou companhia.

No fim, a linguagem silenciosa do amor não se limita às relações entre duas pessoas. Ela também envolve autoconhecimento, respeito próprio e a forma como cada indivíduo reconhece seu próprio valor dentro das relações e da vida.



Por Por Bruno
Oliveira F de



O PAI QUE A FAMÍLIA ESPERA

Uma reflexão sobre o Espírito Santo na Igreja



Existe uma cena que muitos de nós já vimos, ou talvez vivemos: a mãe arrumando os filhos no domingo cedo, chamando o marido que ainda dorme, saindo sozinha para a missa com as crianças enquanto ele fica em casa. É uma imagem comum. Talvez comum demais.

Ser pai nunca foi uma questão apenas de prover o sustento da casa. Na tradição cristã, a paternidade carrega um peso que vai muito além do salário no fim do mês ou do teto sobre a cabeça. Ela é vocação, é sacerdócio doméstico, é a forma mais concreta que muitos filhos terão de entender, pela primeira vez, quem é Deus Pai.

Abraão deixou tudo o que conhecia por uma promessa que ainda não podia ver. Partiu sem saber ao certo para onde ia, mas levou consigo a família, a fé e a obediência. Quando Deus pediu o impensável, que oferecesse Isaac, ele caminhou três dias até o monte sem dar explicações, sem entrar em colapso. E o que Deus encontrou nele foi um coração íntegro que confiava mais do que entendia. A Escritura o chamaria de "pai de todos os que creem" (Romanos 4,11).

Jó é outro retrato que merece parar. Em meio à prosperidade, o texto sagrado registra algo que poderia passar despercebido: "Jó se levantava de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos os seus filhos" (Jó 1,5). Ele orava pelos filhos preventivamente, sem

saber de nenhuma falta específica. Orava porque era pai, e porque ser pai significava interceder. Quando tudo desmoronou, o que sustentou Jó foi exatamente o Deus com quem ele já tinha intimidade antes da crise. E seus filhos cresceram sabendo que havia um pai que acordava cedo para colocá-los diante de Deus.

Tobias, no livro homônimo, ensinou seu filho Tobias a honrar a Deus, a praticar a caridade e a escolher bem uma esposa. Quando precisou mandar o filho em uma jornada perigosa, entregou-o a Deus com oração e o enviou com sabedoria. O filho voltou curado, casado e abençoado. Não foi coincidência. Foi fruto de um pai que plantou fé antes de precisar colher proteção.

Mas retomando o papel do pai na fé atual, existe um estudo conduzido pelo sociólogo Werner Haug, em parceria com Phillipe Warner, para o Swiss Federal Statistics Office, que foi popularizado pelo pastor anglicano Robbie Low em um artigo na revista Touchstone em 2003. Os dados incomodam de um jeito bom.

O estudo revela que quando a mãe é a primeira a se converter ou a praticar a fé com regularidade, a probabilidade de o restante da família segui-la é de 17%. Não é pouco. Mas quando é o pai o primeiro a se converter e a praticar a fé, essa probabilidade sobe para 93%. Noventa e três por cento.

O mesmo estudo aponta que, quando o pai vai à igreja regularmente, entre dois terços e três quartos dos filhos se tornarão praticantes na vida adulta, independentemente de a mãe ir ou não. Quando o pai não vai, mesmo que a mãe seja assídua, apenas 2% dos filhos se tornarão frequentadores regulares. Menos de um em cada cinquenta.

Isso não é uma crítica às mães. É um reconhecimento de que o papel paterno tem um peso específico na transmissão da fé, um peso que não pode ser terceirizado, delegado nem ignorado. Os filhos leem o pai de uma forma particular. Se ele ajoelha, eles aprendem que vale a pena ajoelhar. Se ele despreza, eles aprendem que não há nada ali que mereça respeito.

Mas seria um erro reduzir a paternidade apenas ao seu peso de responsabilidade. Existe uma maravilha enorme em ser pai, uma graça que não vem da competência, mas do amor que Deus deposita nessa vocação.

Quando um filho nasce, o pai não sabe o que está fazendo. Ninguém sabe. Eu, com certeza não sabia! E ainda assim aquele bebê nos olha como se a gente fosse o mundo inteiro. Há algo de sagrado nisso: ser amado antes de merecer, ser escolhido antes de provar nada. É quase uma imagem invertida da nossa relação com Deus, que nos amou antes que existíssemos.

Paternar é aprender a perdoar sete vezes, sete vezes no mesmo dia. É descobrir que a paciência não é um talento inato, mas uma prática diária, suada, às vezes fracassada. É entender que autoridade não é distância, mas presença. O pai que chega cansado do trabalho e ainda assim se senta no chão para brincar está pregando um sermão que nenhuma homilia vai superar.

E há a alegria. A alegria de ver o filho dar o primeiro passo, de ouvi-lo chamar pelo nome da gente pela primeira vez, de perceber que algo que você disse ou fez ficou guardado dentro dele. Nenhum prêmio externo se compara a isso.

No centro de todo esse mistério está uma figura que a Igreja foi

descobrir aos poucos, com uma lentidão que talvez seja proporcional à profundidade do que ele representa: José, o carpinteiro de Nazaré.

José não era o pai biológico de Jesus. E mesmo assim foi ele quem deu ao Filho de Deus o sobrenome humano, o ofício, o lar, a segurança. Foi ele quem se levantou de noite quando o anjo avisou sobre Herodes, e partiu sem reclamar, sem hesitar, sem pedir mais explicações do que as que já tinha recebido. Foi ele quem ensinou Jesus a trabalhar com as mãos, a respeitar o material, a terminar o que começou.

A paternidade de José é adotiva, mas não é menor por isso. Ela é, na verdade, uma revelação sobre o que a paternidade verdadeira é: não é posse, é entrega. Não é biologia, é escolha. José escolheu Jesus todos os dias, mesmo sem entender completamente o que estava segurando no colo.

O Papa Francisco, na carta apostólica Patris Corde, escrita em 2020, chama José de "pai na sombra", aquele que age sem aparecer, que protege sem se impor, que guia sem esmagar. Há uma santidade específica nisso que muitos pais praticam sem saber que é santidade.

São José não disse uma palavra sequer nos Evangelhos. E ainda assim sua presença estruturou a vida do Menino Deus. Quantos pais são assim, palavras de menos, presença de sobra, e não entendem o quanto isso forma?

A paternidade católica não pede super-homens. Pede homens presentes. Pede pais que rezem em casa, que levem os filhos à missa não por obrigação, mas por convicção, que saibam pedir perdão quando erram e que mostrem, na prática, que a fé não é assunto de mulher ou de criança, mas de gente inteira.

Os filhos não precisam de um pai perfeito. Precisam de um pai que não desistiu de Deus. Porque a mensagem que fica, no fim, não é a do discurso bonito de domingo. É a do pai que estava lá, de joelhos, quando achavam que ninguém via.

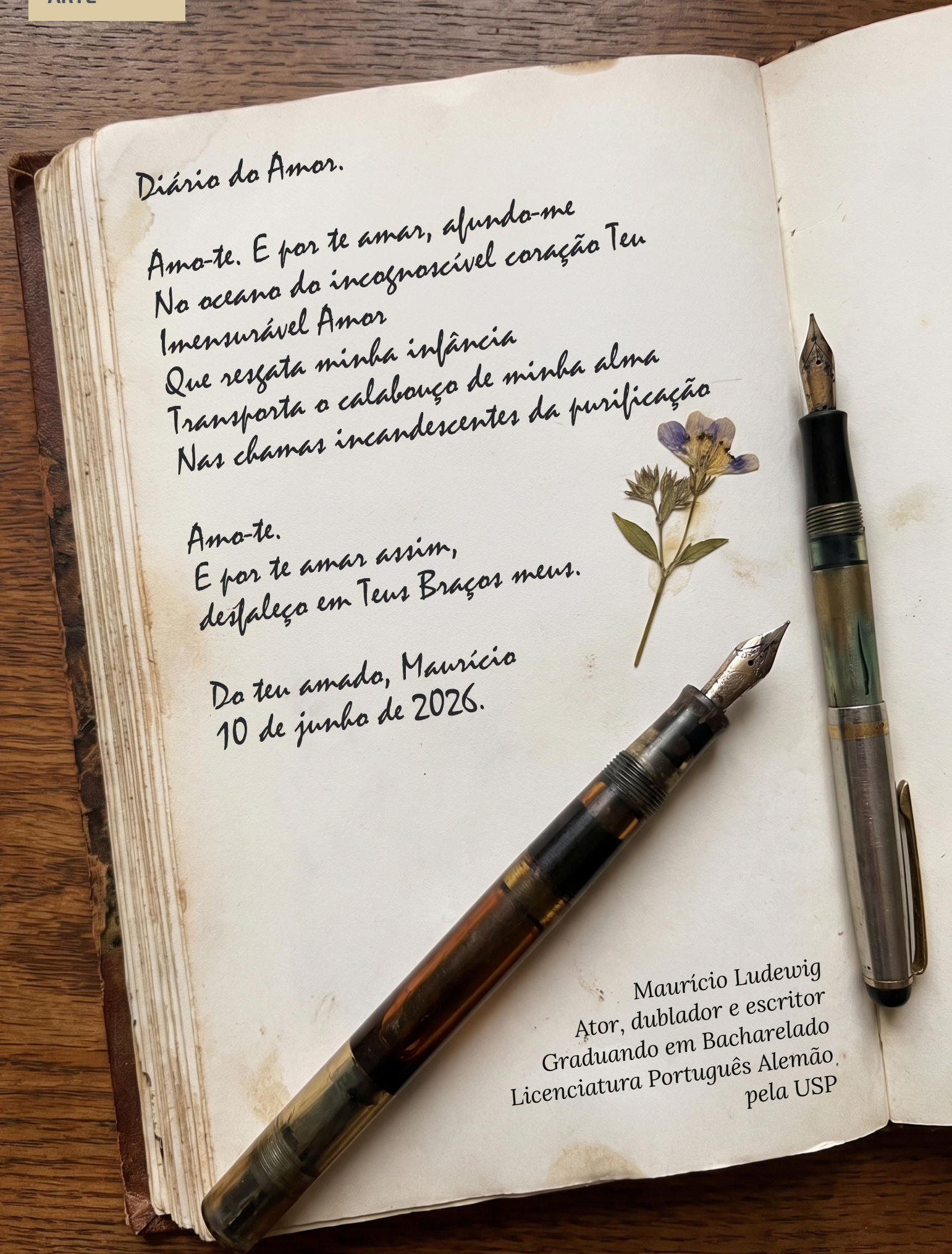
E Deus via. E os filhos também.



Referências:
Werner Haug e Phillipe Warner, Swiss Federal Statistics Office, 2000; Robbie Low, Touchstone Magazine, junho de 2003; Papa Francisco, Patris Corde, dezembro de 2020.

Por Ivanir Júnior
Publicitário e Catequista





Nosso Vigário, colaborando com a formação dos fiéis e, recebendo a bênção do Papa Leão, através do Nuncio Apostólico.



Brasília, 23 de julho de 2026

Reverendo Padre Guillermo Daniel Micheletti,

Recebi, com sincera gratidão, a gentil carta de Vossa Reverência e o exemplar de sua obra *Formação e orientações práticas para Ministros extraordinários da sagrada comunhão*, que teve a bondade de me oferecer. Agradeço-lhe a delicadeza do gesto e o empenho em colaborar com a vida litúrgica e pastoral da Igreja.

Estimo o zelo sacerdotal de Vossa Reverência, manifestado em tantos anos de serviço pastoral na Diocese de Santo André, bem como sua dedicação à catequese e à liturgia. Essa experiência confere particular valor às reflexões e orientações apresentadas na obra agora enviada.

Ao renovar meu agradecimento pelo delicado presente, faço votos de que a publicação contribua para a formação sólida, digna e frutuosa dos Ministros extraordinários da sagrada comunhão, em benefício das comunidades e do culto divino.

Aproveito a ocasião para assegurar-lhe minha estima em Cristo e invocar sobre Vossa Reverência abundantes bênçãos do Senhor.

Com sentimentos de estima e consideração no Senhor,

de Vossa Reverência
devotíssimo no Senhor,

+ *Giambattista Diquattro*
* Giambattista Diquattro
Núncio Apostólico

Ao Reverendo
Padre Guillermo Daniel Micheletti
Paróquia Santíssima Virgem
Diocese de Santo André

SÃO PAULO – SP



Dia de Santo Antônio e Imaculado Coração de Maria - 13 de junho de 2026



1 ano de Ministério Presbiteral do Padre Victor (Vigário) - 07 de junho de 2026



RITO - CREIO CRISMA JOVENS - Celebração 28 de junho 2026



Missa com Benção do Santíssimo - 26/06/2026



Missa com Benção do Santíssimo - 09/07/2026